

OS MOTIVOS DE ESCOLHA DOS ACADÊMICOS PELA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - PERÍODO NOTURNO – NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Bruce Sanderson Prado de Freitas^{1,5}

Nathalia Rodrigues Vitor^{2,5}

Rones de Deus Paranhos^{3,5}

Simone Sendin Moreira Guimarães^{4,5}

Comunicação Oral - Física, Química, Biologia e Ciências

Resumo: A escolha do curso é um processo complexo que perpassam questões relacionadas ao mercado de trabalho e afetividade. De forma geral, optamos por aquele que nos possibilitará alcançar objetivos profissionais e pessoais. As condições, os salários e o tempo de trabalho são alguns dos fatores que contribuem para a construção desse cenário e pela baixa concorrência e escolha pela profissão de professor. Apesar desse panorama de desvalorização, percebemos que o docente é um profissional importante, visto a tarefa política que sua profissão desempenha. Nesse cenário – de desvalorização e importância – traçamos o objetivo deste trabalho que é analisar o que motivou os acadêmicos do segundo e décimo semestre a escolher Licenciatura em Ciências Biológicas – período noturno. Para esta pesquisa foram realizadas entrevistas com seis voluntários, sendo três do segundo e três do décimo semestre, com cinco questões, sendo analisada apenas a questão que se referia à escolha do curso. A análise dos dados foi realizada através de uma adaptação da análise de conteúdo. Através da análise foi possível estruturar três unidades de significado que apresentaram convergência. A partir delas constatamos que o professor exerce influência considerável nos estudantes na escolha do curso. Observamos que profissão de professor está, para esses acadêmicos, em segundo plano, ou seja, a escolha do curso não se vincula ao intuito direto de ser professor. Isto é reflexo de uma visão dicotômica associada às possibilidades profissionais (dupla atuação) e formativas que o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas viabiliza. No que tange a escolha do curso noturno, notamos que nem todos os acadêmicos trabalham. Sendo necessárias discussões e novas pesquisas a fim de suscitar os impactos deste contraste sobre a formação desses acadêmicos.

Palavras-chave: Escolha do curso; Licenciatura noturna; Ciências Biológicas.

Introdução

Quando chegamos ao período de escolha do curso, pensamentos, falácias e contradições perpassam nossas cabeças. De forma geral, optamos por aquele que nos possibilitará alcançar objetivos profissionais e pessoais dentro de um conjunto de valores

¹ Graduando em Ciências Biológicas (Licenciatura) na Universidade Federal de Goiás. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFG). E-mail: brucesanderson@gmail.com.

² Graduada em Ciências Biológicas (Bacharelado) na Universidade Federal de Goiás. E-mail: nathirvitor@gmail.com.

³ Mestre em Educação em Ciências e Matemática (UFG/Goiânia). Professor Assistente da Universidade Federal de Goiás (Instituto de Ciências Biológicas/Departamento de Biologia Geral). E-mail: paranhos.rones@gmail.com.

⁴ Doutora em Educação Escolar – Formação de Professores (UNESP/Araraquara). Professora Adjunto II da Universidade Federal de Goiás (Instituto de Ciências Biológicas/Departamento de Biologia Geral). E-mail: sisendin@ig.com.br.

⁵ Membro do grupo de pesquisas “*Colligat – (Re) pensando a Formação de Professores de Ciências e Biologia*”.

pertencentes ao meio social e cultural ao qual fazemos parte. Sendo assim, tal decisão não é somente individual e sim o resultado de confrontos vivenciados pelos estudantes.

Atualmente, como afirma Diana e Oliveira (2008), a escolha do curso tem sido feita principalmente em função do quadro econômico e das ofertas de mercado. Observamos com isso que os cursos com maior prestígio social apresentam maior relação candidatos/vaga. Segundo Borges e Carnielli (2005), o *status* conferido a alguns cursos específicos é reflexo da estratificação social existente em nosso país, em que o acesso ao curso superior está relacionado à posição social que o estudante ocupa.

Em estudo realizado por Gatti (2010), a partir dos dados do questionário socioeconômico do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) do ano de 2005, observamos que 39,2% dos acadêmicos que fazem pedagogia ou outras Licenciaturas, possuem renda familiar de até três salários mínimos. A autora aponta ainda que 50,4 % situam-se na faixa de três até dez salários mínimos. Esses números mostram que apenas 10,4% dos estudantes possuem a renda familiar acima de dez salários mínimos, ou seja, poucos que possuem maior poder aquisitivo escolhem ser professor.

De acordo com Vargas (2010), durante a história da educação superior, existiu um predomínio da escolha pelos cursos ditos “imperiais” (Medicina, Direito e Engenharia). Nestes cursos, há uma concentração de candidatos com maior poder aquisitivo, que estudaram em boas escolas particulares, fizeram cursinho pré-vestibular e conseqüentemente tem, no vestibular, o desempenho para ser aprovado em cursos mais concorridos. Em contrapartida, a autora destaca que a escolha dos concorrentes pertencentes à classe média baixa pauta-se por cursos que exigem desempenho mediano, como os de Licenciatura.

No que tange a profissão docente, percebemos que ela, ao contrário dos cursos “imperiais”, sempre foi negligenciada. As políticas e iniciativas do governo em relação à profissão docente foram, e ainda são, voltadas para manter o *Status quo* social, já que as principais modificações se deram a partir da necessidade de formar trabalhadores que atendessem as demandas do mercado, sobretudo nos processos de industrialização e expansão econômica do país (LIBANÊO, OLIVEIRA e TOSCHI, 2007).

Dessa forma, percebemos que as condições, os salários e o tempo de trabalho da profissão de professor são diferentes de outras profissões, como a de médico e advogado por exemplo, que exigem a formação em nível superior. Segundo Pereira (1999), problemáticas nestes aspectos tem tornado a profissão docente pouco atrativa, bem como se constituem como subsídios para a construção de um quadro de desvalorização da profissão. Dentre esses aspectos Gatti e Barreto (2009), destacam que a pouca possibilidade de ascensão social é um

dos fatores que interferem na escolha dos jovens por outras profissões em detrimento da profissão docente.

Apesar do cenário de desvalorização, num mundo em que os problemas se tornam cada vez mais globais e que a profissão de professor passa por constantes mudanças, percebemos que o docente é de fundamental importância. Segundo Morin, Ciurana e Motta (2009), a educação está para além de uma profissão. Ela é uma tarefa política que tem por objetivo “fortalecer as condições de possibilidade da emergência de uma sociedade-mundo composta por cidadãos protagonistas, consciente e criticamente comprometidos com uma civilização planetária” (p. 98).

Frente à dinamicidade do mundo do trabalho e o desenvolvimento das mídias, sobretudo, da internet, a escola, como parte da sociedade, também passou por mudanças e sofreu novas exigências. Uma das mais impactantes foi o advento da internet. A partir de seu desenvolvimento a escola não é mais o único acesso de informação para construção do conhecimento. Com isso os profissionais da educação deixam de ser apenas transmissores e assumem outro papel: o de mediar informações “soltas” no sentido problematiza-las e sistematiza-las na construção do conhecimento, considerando os contextos aos quais professores e estudantes estão inseridos (LIBÂNEO, 2011).

Nesse contexto de contradição - desvalorização e importância do profissional docente - indagamos: Quem quer ser professor? O que motiva a escolha por esta profissão? Que fatores específicos determinam a escolha pela Licenciatura em Ciências Biológicas? Quais as motivações que levam os acadêmicos a escolher o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFG? Considerando esses aspectos, o presente trabalho tem por objetivo analisar o que motivou os acadêmicos do segundo e décimo semestre a escolher Licenciatura em Ciências Biológicas.

Metodologia

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa desenvolvida no contexto do Programa de Bolsistas de Iniciação Científica (PIBIC/UFG), intitulada “Formação de Professores de Ciências e Biologia no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas/UFG: as representações dos estudantes sobre a profissão docente – Fase II”. Para essa pesquisa foram realizadas entrevistas com acadêmicos do segundo e décimo semestre com o intuito de investigar quais eram as concepções destes acerca da função e profissão docente.

Os sujeitos da pesquisa foram seis (06) acadêmicos, três matriculados no segundo semestre do curso e três no décimo. O critério de escolha deu-se pelo convite em sala de aula.

Somente os três primeiros de cada sala que se disponibilizaram foram entrevistados.

O roteiro de entrevistas foi elaborado com cinco questões abordando: os motivos de escolha do curso; as concepções de formação e profissão docente; as contribuições das disciplinas específicas e pedagógicas para a formação de professores. Esse roteiro obedeceu aos seguintes passos: a) Leitura da questão; b) Tempo de reflexão para o entrevistado; c) Releitura da questão e gravação do áudio das respostas.

As unidades de significado⁶ foram obtidas através da análise dos dados com uma adaptação da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), proposta por Porto, Simões e Moreira (2004). A categorização foi organizada a partir da seguinte estrutura: a) Transcrição; b) Leitura flutuante das respostas; c) Releitura das respostas ressaltando os significados atribuídos pelos acadêmicos ao objeto de estudo; d) Escolha dos indicadores do discurso envolvendo elementos no texto que trazem significados pertinentes ao objeto estudado; e) Estruturação e elaboração da tabela de convergência.

No presente trabalho, discutimos os motivos que os levaram os acadêmicos a escolher o curso em questão. Para isto, foram consideradas apenas as unidades de significado da questão “Como foi sua entrada no curso? Em sua resposta aponte os motivos de escolha do curso, o processo seletivo, o resultado e a recepção da família”.

Resultados e discussões

Após a análise da questão, obtivemos ao todo, 13 unidades de significados referentes à escolha do curso. Apesar da diversidade de influências para escolha do curso apresentada pelos acadêmicos, neste trabalho discutimos apenas aquelas que apresentaram convergência, o que totalizou três unidades de significados (Quadro I).

Quadro I – Unidades de significado atribuídas pelos acadêmicos dos dois semestres analisados quanto à primeira questão do roteiro de entrevistas “Como foi sua entrada no curso? Em sua resposta aponte os motivos de escolha do curso, o processo seletivo, o resultado e a recepção da família”.

Semestre \ Unidade de Significado	2º Período			10º Período		
	I	II	III	IV	V	VI
A) Escolheu o curso por ter “afinidade” com Biologia.	X	X		X	X	
B) Presença do profissional docente como influencia para escolha da Licenciatura.		X		X		
C) Escolheu o curso noturno com intuito de trabalhar durante o dia.	X					X

⁶ Nesse trabalho, optamos por considerar “unidades de significado” as ideias semelhantes nos discursos dos licenciandos e reunidas com uma determinada identidade.

Observamos na unidade de significado A que três acadêmicos apontaram em seus discursos elementos referentes à escolha do curso por ter “afinidade” com a Biologia. Esta “afinidade” traduz-se de maneira geral por três motivos: a) Por gostar das disciplinas de Ciências e Biologia na Educação Básica; b) Por apreciar os professores da Educação Básica, bem como, as práticas de ensino por eles utilizadas; c) Por influencia de documentários relacionados à Biologia.

Gostaríamos de ressaltar que os três motivos relacionados à “afinidade” não se referem cada um a um voluntário específico. Percebemos na análise dos dados que as motivações convergem em alguns aspectos e divergem em outros. Sendo assim, um mesmo voluntário pode ressaltar os três, somente um ou apenas dois dos motivos relacionados à “afinidade” com a Biologia.

No que se refere ao gostar das disciplinas de Ciências e Biologia, observamos que os acadêmicos apontam seu início já no Ensino Fundamental. Esta afeição perdurou toda a vida escolar até a escolha pelo curso de Ciências Biológicas. Como vemos a seguir, esse gostar é subjetivo e envolve experiências vivenciadas pelos estudantes.

“[...] desde criança que eu queria ser Bióloga, sabe? [...] Já gostava muito de Biologia antes do Ensino Médio[...].” (Voluntária I)

“[...] eu sempre tive muita afinidade com a disciplina de Biologia e de Ciências, desde os anos iniciais na minha história escolar. Já no Ensino Fundamental eu gostava muito. Era a disciplina que eu mais me identificava.” (Voluntário V)

Percebemos que no caso desses voluntários a escolha de um curso na área científica baseia-se numa construção relacionada à suas histórias de vida. Neste sentido, não podemos dissociar o gostar das disciplinas e o gostar do professor. Como ressaltam os voluntários nos trechos a seguir, o fato de obter resultados satisfatórios e a facilidade em aprender determinados conteúdos da disciplina de Biologia deve-se a “forma” ou modalidades didáticas utilizadas por seus professores.

“Uai, eu gostava da forma da professora, gostei muito mesmo, muito, muito. [...] ah, eu sempre me dei bem em Biologia. As minhas notas eram boas. Eu entendia. Eu nunca tive dificuldade em entendê”. (Voluntária I)

“Eu morei muito tempo no exterior. Morei três anos. E as aulas lá de Biologia eram superinteressantes. Eram aulas práticas feitas em laboratório. [...] qualquer coisa a gente ia pro microscópio e a gente ia ver. Então eu achava superinteressante”. (Voluntária II)

“[...] (professores) muito bons, foi o que... o que me proporcionou ter essa afinidade porque eu gostava muito da maneira como eles explicavam os conteúdos, passavam a matéria. Então eu acho que por isso eu tenho essa afinidade”. (Voluntário V)

Nesse sentido, os trechos acima indicam que os conteúdos de biologia e as metodologias empregadas pelo professor são elementos que influenciaram a escolha pelo

curso de licenciatura. Essa indicação só nos foi possível, pois, os voluntários resgataram elementos de suas histórias de vida para explicar as escolhas realizadas o que acaba por expor “as suas filiações, que vão historicizando a trajetória de cada um” em busca do ser professor (ECKERT-HOFF, 2008).

No fragmento da voluntária II observamos que ela ressalta seu interesse nas aulas práticas em laboratório. Ela as adjectiva como “superinteressantes”. Em outros recortes percebemos que ela as enxerga dessa maneira por considerar que esse seja “um novo jeito de ensinar”, em que se aprende observando a realidade. Entretanto, como afirma Krasilchik (2000), as aulas práticas já eram modalidades didáticas recomendadas durante a década de 1950, não sendo assim, uma nova forma de ensinar.

Percebemos que sua compreensão de aula prática envolve necessariamente a presença de laboratórios, microscópios, entre outros elementos estruturais, ausentes ou pouco encontrados nas escolas brasileiras. Talvez por esse motivo ela entenda as aulas práticas como uma nova modalidade de ensino. Não necessariamente por ser nova, mas por ser diferente das aulas expositivas. A vivência da voluntária no exterior a possibilitou aproximar de atividades de experimentação que foram significativas para ela na escolha do curso.

Os voluntários (I e V), ao contrário da voluntária II, não descrevem especificamente uma modalidade didática. Eles apontam, como podemos ver nos trechos acima, que compreendiam o conteúdo por causa da “forma” de ensinar dos professores, sendo destacado como representação disso as notas que tirava (voluntário I) e o fato dos docentes serem “muito bons” (voluntário V).

Outro aspecto que envolve o “gostar” dos professores é forma que os voluntários enxergam a atuação de seus professores, pois como observamos nos fragmentos a seguir, os acadêmicos compreendem com um bom professor aquele que consegue manter a disciplina em sala de aula.

“A professora (nome da professora) era muito rígida, sabe? E eu acho que os professores rígidos, não é maquiavélicos, né? Mas, o professor que tem o pulso firme [...]”.(Voluntária I)

“[...] um bom professor eu acho que ele é uma mistura de coisas. Pra mim um bom professor é aquele que além de explicar a matéria bem, de saber o conteúdo, de ter o domínio de conteúdo, é aquele profissional que consegue prender a atenção do aluno. [...] É através da sua fala você conseguir com que as pessoas prestem atenção no que você está falando”. (Voluntário V)

Verificamos assim que o gostar da professora para a voluntária I está relacionado à figura de autoridade que a docente representava para os estudantes. A característica que mais lhe chamava a atenção em sua professora era a rigidez que ela tratava as aulas e o fato dela exigir bastante de seus discentes. Já o voluntário V destaca em seu discurso que o docente tem

que ter características múltiplas, dando como exemplo o “ensinar a matéria bem” e o ter domínio de conteúdo. Contudo, ele coloca em evidência o “fazer os alunos prestarem a atenção no professor” como uma característica importante.

Aparentemente, os voluntários concebem que se a sala de aula não for um ambiente calmo e tranquilo, em que a indisciplina é incontrolada, os processos de ensino-aprendizagem são prejudicados. Um estudo realizado por Quadros *et al* (2005), constatou situação semelhante a aqui discorrida. Segundo os autores na relação com o docente, o discente “[...] almeja um ambiente agradável, com diálogo, com companheirismo, com respeito” (p.5). O ambiente nestas condições promove uma boa relação discente-docente, e conseqüentemente à admiração daquele para com este. Com o exposto, consideramos que a influencia do professor na escolha da Licenciatura também perpassa como os estudantes enxergam seus professores.

Em relação à escolha do curso por influencia da atuação do professor na sala de aula, a voluntária II ressaltou outros aspectos referentes à sua professora de Química do Ensino Médio que são pertinentes ser discutidas.

“Minha professora era até entusiasmada com a Química, sabe? [...] Então, Se você fazer o que você gosta e ensinar o que você gosta, às vezes você pode fazer um pessoa gostar daquilo que você gosta. E talvez você forme mais professores, nessa área, e aí contribui para educação no Brasil.” (Voluntária II)

No trecho acima vemos argumentos justificando que basta ensinar o que se gosta para instigar os estudantes a gostarem ou até mesmo a serem professores. Contudo, compreendemos que ela apresenta uma visão ingênua da profissão de professor e a escolha profissional, o que é pertinente para o momento escolar ao qual ela vivenciou (Ensino Médio). Cabe agora, na formação inicial ela resignificar tal compreensão, a fim de ampliar e aderir novas percepções acerca da profissão docente.

Percebemos com esse estudo, que o “gostar”⁷ tanto do professor quanto da disciplina é um processo subjetivo e pessoal que depende de diferentes fatores associados às histórias de vidas do sujeito. “Gostar” não é uma imposição exterior a ele. Sendo assim, a influência do professor constitui-se apenas como um serie de elementos que o estudante interioriza (ou permite interiorizar). Daí que necessitamos pensar a escolha da profissão como um processo complexo que perpassa a influencia de diferentes grupos sociais e decisões pessoais o qual, como vimos nesse estudo, o professor é um agente de destaque na escolha pela profissão

⁷ Entendemos o “gostar” como um produto da interação complexa das relações afetivas discente-docente. Segundo Bonotto (2005), “[...] somos seres biológicos, afetivos, sociais e cognitivos ao mesmo tempo [...]” (p.6). Sendo assim, consideramos importante destacar o “gostar” em processos cognitivos, pois como vimos anteriormente, ele é um dos componentes necessários para compreender a complexidade dos motivos de escolha do curso.

docente.

No que tange a influencia da mídia na “afinidade” com a Biologia, a voluntária II destaca que: *“Desde criança eu quis Biologia... eu assistia televisão, aqueles programas, os documentários e na aula mesmo”* (Voluntária II). Sobre as mídias e a escolha da profissão, Soares, Sestren e Ehlke (2002), afirmam que:

A mídia é outro fator de destaque no que tange às percepções parciais acerca das profissões. Os modelos apresentados, especialmente pela televisão, são extremamente idealizados, mostrando somente “o lado bom” das profissões e geralmente omitindo as dificuldades e adversidades que permeiam o seu exercício (p. 262).

A visão sobre a profissão, assim sendo, é simplista e não abarca os impasses encontrados no dia a dia dos profissionais. A concepção de Biologia apresentado por programas de televisão geralmente tratam do Biólogo Bacharel. Não aborda a profissão do professor de Biologia. São programas, que em sua maioria, envolve o público pela aventura e belas composições audiovisuais. A escolha do curso pautada por influência de mídias é ligada ao campo da afetividade o que é, segundo Moran (1995), característico das linguagens da TV e do vídeo, pois elas “dirigem-se antes à afetividade do que à razão” (p.29).

Sendo assim, faz-se necessário nos cursos de formação de professores reflexões acerca do que se apresenta e do que é a profissão do professor de Biologia, sem desconsiderar os aspectos afetivos que abarcam a escolha dela. Este caminho, de desconstrução de estereótipos, pode ser frustrante, pois tem a possibilidade de contrariar as expectativas dos estudantes com a escolha do curso. Contudo, não podemos deixar de ressaltar que as mídias se forem interpretadas de forma crítica podem ajudar a repensar a formação de professores de Biologia, as práticas educacionais e a relação do objeto de estudo desta área (Biologia) com a sociedade.

Nos transcritos percebemos ainda que no caso de alguns acadêmicos seus professores os influenciaram de forma diretiva pela escolha da Licenciatura. Dessa forma optamos por categoriza-los na unidade de significado B (Quadro I). Como podemos observar, três acadêmicos, sendo um do segundo semestre e dois do décimo, ressaltaram em seus discursos a influencia do profissional docente na escolha da Licenciatura. As influencias desses professores se deu de duas formas distintas: a) Na forma de esclarecimentos acerca das modalidades das Ciências Biológicas (Licenciatura e Bacharelado); b) Nas possibilidades formativas que a Licenciatura poderia possibilitar por ser um curso ofertado no período noturno.

“Bom... eu sempre quis Biologia. Mas no terceiro ano foi quando eu procurei mais... procurar professores que trabalhavam nesta área, pra pergunta como que era o curso. Se eu fazia Licenciatura ou Bacharelado, porque eu não sabia a

diferença, nem nada”. (Voluntária II)”

“E assim eu fugi um pouco do meu inicial propósito, e bem aconselhado pelos professores também, que falaram assim pra mim “ó entra na Licenciatura é... e entra no Noturno, que cé vai ter tempo pra fazê pesquisa”. (Voluntário IV)

Os professores foram para a voluntária II, fonte de esclarecimento acerca das modalidades Licenciatura e Bacharelado. Percebemos com isso que os docentes podem influenciar os acadêmicos a escolher uma modalidade em detrimento da outra, uma vez que estes ao se apoiarem nessas instruções como única fonte de informação sobre os cursos. Constatamos, aparentemente, que os professores a influenciaram optar pela Licenciatura, por esta ter sido sua escolha de curso.

Em relação ao voluntário IV, percebemos que ele foi estimulado por seus professores a fazer a Licenciatura no período noturno para que ele tivesse a possibilidade de realizar pesquisa na área biológica durante o dia. A legislação do Conselho Federal de Biologia (CFBio), irá conferir aos Licenciados formados até Dezembro de 2015 a possibilidade de atuar no ensino e na pesquisa na área biológica (CFBIO, 2012). Segundo Castro, Brandão e Nascimento (2011), em razão dos licenciados terem dupla atuação faz com que muitos destes profissionais formados se dediquem a pesquisa biológica ao invés da docência.

O professor referido no recorte que influenciou esse acadêmico faz alusão à pesquisa, colocando a docência em segundo plano. Segundo Guimarães (2004),

Sabemos que não é fácil, no Brasil, sobreviver *dessa* profissão (salários baixos, jornada extensa e condições materiais difíceis) nem, tampouco, sobreviver *nessa* profissão, considerando o desgaste físico, emocional e cultural (pouco tempo e estímulo para se atualizar) a que os professores são em geral, expostos em sua trajetória profissional. Essa realidade torna-se bem mais explícita diante das recorrentes “novas exigências” criadas para o cumprimento dos professores. Nesse contexto, não é fácil ao professor desenvolver uma imagem positiva da profissão docente (p. 90, grifos do autor).

Apesar de não ser fácil a profissão de professor ela não pode ser considerada um “bico”, um complemento de renda, como foi interpretado historicamente em nosso país (SAVIANI, 2009). É necessário que haja sua profissionalização, uma vez que a docência possui corpo teórico, objeto de estudo e área de atuação específica. Dessa forma, para ser docente é imprescindível que os acadêmicos reflitam sobre os elementos próprios da profissão já na formação inicial, momento em que se inicia (e não termina) a construção profissional do ser professor. E isto requer dedicação e compromisso com a profissão pela qual escolheu no vestibular.

No que se refere à escolha do curso período noturno constatamos que duas acadêmicas optaram por ele com o intuito de trabalhar durante o dia.

"Mas eu escolhi porque é a noite, noturno. Tem prazo pra ir trabalhar, mas eu não trabalho." (Voluntária I)

" E assim pra o curso noturno, não que foi assim... não que fosse... é a minha primeira escolha, que não era. Ele era minha primeira escolha pela comodidade que ele trazia pra a minha vida, pra eu podê continua no meu trabalho. Mas se fosse para eu escolher eu tinha feito diurno, assim... sei lá... é... o integral. [...]". (Voluntária VI)

Segundo Carelli e Santos (1998), os cursos de ensino superior noturno, foram implantadas nos anos 60, após luta dos estudantes, sendo sua maioria sob a administração de Instituições de Ensino Superior (IES) particulares. Outras medidas tomadas para os cursos noturno são desenvolvidas no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002). De acordo com Cunha (2003), suas políticas de ensino superior buscavam otimizar a utilização dos recursos da Educação. Com implementações e investimentos realizados nesse período os cursos noturnos ampliaram e aumentar as matrículas.

Este salto na educação superior noturna foi importante para a classe trabalhadora, gerando maior oportunidade de qualificação e inserção de uma parcela da população até então marginalizada apesar de poucas vagas neste período. O Ex-presidente da Republica Luiz Inácio Lula da Silva, prosseguindo com as ideias de seu antecessor, implanta o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), através do Decreto nº 6.096 de abril de 2007, no artigo 2º, inciso I, visando entre outros aspectos a "redução das taxas de evasão, ocupação de vagas ociosas e aumento de vagas de ingresso, especialmente no período noturno" (BRASIL, 2007, p. 1).

Com o exposto, percebemos que o curso noturno tem como enfoque a classe trabalhadora que não tem a possibilidade de fazer curso superior em outros horários. Como vemos através do fragmento da voluntária VI, ele nem sempre é uma escolha. O curso noturno é única possibilidade que os trabalhadores têm a possibilidade de estudar. Tal realidade é observada em estudos de outros cursos, como por exemplo, o que foi feito no curso de Licenciatura em Química da UFG.

Ao serem questionados especificamente sobre os motivos que os levaram a fazer o vestibular para o curso noturno de Licenciatura em Química da UFG, [...] a escolha da maioria se deve ao fato do curso noturno possibilitar o acesso à universidade para o aluno que trabalha durante o dia (MELO *et al*, 2011, p. 5).

No entanto, percebemos que nem todos que estudam no noturno trabalham. A voluntária I atualmente não está trabalhando. Sua escolha se pautou em uma possibilidade de trabalhar caso um dia precise. Em relação ao curso em que foi realizado esta pesquisa, Miranda *et al*. (2011), em um estudo anterior, ressaltam que, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) de 2009, que 45,8%

dos ingressantes do curso em 2008 tinham “renda familiar superior a 10 salários mínimos até 20 salários mínimos, 42,9% não trabalhavam ou exerceram atividade remunerada, 43,5% fizeram todo o Ensino Médio em escola particular” (p.9).

Com esses dados, observamos que uma parcela significativa dos acadêmicos possui uma renda familiar alta e que muitos deles estudaram em escola particular, o que é atípico do perfil de acadêmicos da maior parte dos cursos de Licenciaturas e Pedagogia no Brasil como indica Gatti (2010). Nesse sentido, percebemos que existe uma contradição entre o propósito pelo qual os cursos de Licenciaturas noturnas foram criados (possibilitar a formação de profissionais que já estavam inseridos no mundo do trabalho), e o atual perfil do graduando que tem ingressado no curso Licenciatura em Ciências Biológicas da UFG.

Considerações finais

Através do presente trabalho constatamos que a escolha pela profissão de professor é complexa e emerge de contradições do âmbito social, sobretudo do desprestígio social profissão e das relações de afetivas na sala de aula. Observamos que os acadêmicos entrevistados, de forma geral, fizeram primeiro a escolha pelo curso de Ciências Biológicas, alegando que suas “afinidades” pela Biologia surgiram quando eram crianças no Ensino Fundamental. A escolha pela Licenciatura se deu já no período próximo a escolha do e foi influenciada principalmente por professores, seja pela a admiração que os acadêmicos tinham pela maneira que aqueles faziam suas aulas ou pelas modalidades didáticas utilizadas pelos docentes. Sendo assim, a escolha pela Licenciatura é colocada em segundo plano. Com uma possibilidade aliada a Biologia.

Percebemos que alguns acadêmicos estão na Licenciatura, porém almejam trabalhar futuramente com pesquisa na área biológica. Neste sentido, percebemos que a escolha pela Licenciatura está ligada as possibilidades profissionais (dupla atuação) e formativas que o curso possibilita (estágios na área de pesquisa biológica). Possibilidades estas que passaram por mudanças frente às novas exigências para a aquisição do registro do Conselho Federal de Biologia e a reestruturação em andamento da matriz curricular do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFG.

Nesse contexto, constatamos que esses acadêmicos não escolhem a profissão docente. Concebem e sustentam a visão dicotômica de Licenciatura e Bacharelado. Cada uma é vista em uma parte diferente, não estabelecendo a profissão professor de Biologia enquanto unidade, o que pode ocasionar um processo de formação profissional fragmentado e descontextualizado. Dessa forma, espera-se que a formação inicial contribua com reflexões

com intuito de resignificar tais concepções.

No que tange a escolha do curso noturno, notamos que nem todos os acadêmicos trabalham. Isto está correlacionado, segundo o levantamento bibliográfico, ao perfil socioeconômico dos acadêmicos. Apesar disto, percebemos que ele atende estudantes que trabalham. Nesse contexto, verificamos que ingressam nele estudantes que têm objetivos diferentes. Sendo assim, são necessárias discussões e novas pesquisas a fim de suscitar os impactos deste contraste sobre a formação desses acadêmicos e das propostas curriculares vigentes.

Referências

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BONOTTO, D. M. B. O conteúdo valorativo da educação ambiental: Investigando Uma proposta de formação docente voltada para o tema. In: Anais - 28 Reunião Anual - Anped. Caxambu. 2005. 16 p.

BORGES, J. L. G.; CARNIELLI, B. L. 2005. Educação e estratificação social no acesso à universidade pública. *Cadernos de Pesquisa*, v.35, n.124, p.113-139, 2005.

BRASIL. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm>.

CARELLI, M. J. G.; SANTOS, A. A. A. Condições temporais e pessoais de Estudo em Universitários. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v. 2, n.3, p. 265-278, 1998.

CASTRO, S. M. V. de; BRANDÃO, Z.; NASCIMENTO, I. P. Biólogo ou Professor de Biologia: um estudo entre estudantes do curso de Ciências Biológicas. In: VOSGERAU, D. S. R.; ENS, R. T. *X Congresso Nacional de Educação. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação*. Anais. 1ª Ed. Curitiba: ED. Champant, 2011.

CFBIO. CONSELHO FEDERAL DE BIOLOGIA. Estabelece os requisitos mínimos para o Biólogo atuar em pesquisa, projetos, análises, perícias, fiscalização, emissão de laudos, pareceres e outras atividades profissionais nas áreas de Meio Ambiente e Biodiversidade, Saúde e, Biotecnologia e Produção. Resolução de Nº 300/2012, de 7 de dezembro de 2012. Disponível em: < <http://www.legisweb.com.br/legislacao/?legislacao=248998>>.

CUNHA, L. A. C. R. O ensino superior no octênio FHC. *Educação e Sociedade*, Campinas, n.82, p. 37-61, 2003.

DIANA, J. B.; OLIVEIRA, S. S. de. A Caracterização da Escolha Profissional Docente no Contexto Educacional Vigente. In: BATISTA, R. L. (org). *VI Seminário do Trabalho: trabalho, economia e educação*. Anais. 1ª Ed. Marília: ED. Grafica Massoni, 2008.

ECKERT-HOFF, B. M. *Escritura de si e identidade: o sujeito-professor em formação*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S. (Coords.). *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: UNESCO, 2009.

GATTI, B. A. Formação de Professores no Brasil: características e problemas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, 2010.

GUIMARÃES, W. S.; *Formação de Professores: saberes, identidade e profissão*. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

KRASILCHIK, M.; Reformas e realidade: o caso do ensino das ciências. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo v.14, n.1, pp. 85-93, 2000.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de.; TOSCHI, M. S. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2007.

LIBÂNEO, J. C.; *Adeus professor, adeus professora? : novas exigências educativas e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 2011.

MELO, A. *et al.* Implantação do curso noturno de licenciatura em química da UFG: perfil e dificuldades dos alunos ingressantes. In: *VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências - I Congresso Iberoamericano de Investigación en Enseñanza de las Ciencias*. Anais. Rio de Janeiro: ABRAPEC, v. único, p. 1-15, 2011.

MIRANDA, M. H. G. *et al.* Professor: procura-se. In: XXVI Congresso de Educação do Sudoeste Goiano – conhecimento, formação e ética: a educação na contemporaneidade. Anais eletrônicos. Disponível em: <<http://revistas.jatai.ufg.br/index.php/acp/article/view/1295/715>>. Jataí, 2011.

MORAN, J. M.; o Vídeo na Sala de Aula. *Comunicação e Educação*, São Paulo, v. 2, p.27-35, 1995.

MORIN, E.; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2009.

PEREIRA, J. E. D.; As Licenciaturas e a Novas Políticas Para a Formação Docente. *Educação e Sociedade*, Campinas, ano XX, n.68,1999.

PORTO, E. SIMÕES, R. & MOREIRA, W.W. Corporeidade e Ação Profissional na Reabilitação: (Des) Encontros. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.25, n. 03, p.101-116, 2004.

QUADROS, A. L. de *et. al*; Os Professores que Tivemos e a Formação da Nossa Identidade Como Docentes: um encontro com nossa memória. *Ensaio Pesquisa e Educação em Ciências*, Minas Gerais, v. 7, n.1, p.107-124, 2005.

SAVIANI, D.; Formação de Professor: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v.14, n.40, p. 143-155, 2009.

SOARES, D. H. P.; SESTREN, G.; EHLKE, S. B. A Influência da Percepção dos Jovens Sobre o Mercado de Trabalho na Escolha Profissional. *Contrapontos*, Itajaí, ano 2, n.5, p. 237-250, 2002.

VARGAS, H. M. Sem Perder a Majestade: “profissões imperiais” no Brasil. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.15, n.28, p.107-124, 2010.